

A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE*

PERCEPTION OF ADOLESCENTS ABOUT SEXUALITY

PERCEPCIÓN DE LOS ADOLESCENTES SOBRE LA SEXUALIDAD

José Roberto da Silva Brêtas¹

Renata de Lima Muroya²

Lie Yamaguti Shida²

José Rodrigo de Oliveira²

Wagner de Aguiar Júnior²

RESUMO

Neste estudo, aborda-se a percepção de adolescentes sobre as manifestações da sexualidade no meio em que vivem. A pesquisa foi desenvolvida com 55 adolescentes dos sexos masculino e feminino com idade entre 15 e 18 anos, que freqüentavam uma escola de ensino médio na região de Santo Eduardo do município de Embu, São Paulo. Para a obtenção dos dados, utilizamos como recurso uma oficina com atividade coletiva, alcançando como resultados da análise de conteúdo as categorias: conceitos desvirtuados; conceitos de sexo; sexualidade; influência da mídia; erotismo; pornografia e prostituição. Os resultados indicaram confusão conceitual das terminologias, o que sugere a necessidade de abordá-las nas atividades de orientação sexual que desenvolvemos com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente; Comportamento Sexual; Sexologia; Sexualidade; Educação Sexual.

ABSTRACT

This is a study about adolescents' perception of sexuality in the setting in which they live. It was carried out with 55 teenage boys and girls aged 15 to 18 years old at a high school in Santo Eduardo, in the town of Embú, state of São Paulo. Data was collected through a group workshop and we made a content analysis showing the categories: misconceptions, sex concepts, sexuality; media influence; eroticism; pornography; and prostitution. The results indicate conceptual confusion in the terminology, which suggests the need to cover them in the sexual education activities for adolescents.

Key words: Adolescent; Sexology; Sexual Behavior; Sexuality; Sex Education.

RESUMEN

En este estudio se enfoca la percepción de los adolescentes sobre las manifestaciones de la sexualidad en el medio en que viven. La investigación se llevó a cabo con 55 adolescentes, varones y mujeres, entre 15 y 18 años, de un colegio secundario de Santo Eduardo, ciudad de Embu, Estado de San Pablo. El recurso para recoger datos fue un taller de actividades colectivas; como resultado del análisis de contenido obtuvimos las siguientes categorías: conceptos erróneos, conceptos del sexo, sexualidad, influencia de los medios de comunicación, erotismo, pornografía y prostitución. Los resultados señalan confusión conceptual de la terminología, lo cual sugiere la necesidad de enfocarla en las actividades de orientación sexual desarrolladas con adolescentes.

Palabras clave: Adolescente; Conducta Sexual; Sexología; Sexualidad; Educación Sexual.

* Texto elaborado com base na pesquisa "A sexualidade e saúde reprodutiva de adolescentes que freqüentam algumas escolas no município de Embu", que obedece aos padrões estabelecidos pela Resolução 196/96, Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFESP, Processo n° 01038/05.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, Brasil.

² Estudantes do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, Brasil.

E-mail: jrbretas@denf.epm.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período no qual há uma significativa maturação corporal, acarretando mudança na personalidade do indivíduo. Segundo Suplicy¹, o indivíduo evolui da organização da infância para a desorganização da adolescência, para mais tarde atingir a reorganização do adulto.

É um período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. É a etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações afetivas, já interiorizadas, que teve com seus familiares e verificando a realidade que a sua sociedade lhe oferece.²

O amadurecimento biológico é acompanhado por manifestações sexuais que devem ser integradas à personalidade do adolescente. A menarca, na garota, e as ejaculações involuntárias, no rapaz, e, posteriormente, a própria masturbação são manifestações fisiológicas evidentes, vinculadas à nova e profunda alteração que se está processando psicologicamente. E, a partir desse momento, um dos problemas enfrentados pelo adolescente é o de estender para alguém do sexo oposto, ou não, fora do círculo familiar, os mesmos sentimentos que antes prevaleciam em relação aos pais. Além de orientar sua atenção para fora do ambiente da família, pode o adolescente estabelecer estreita relação com pessoas de maior idade, do outro sexo ou não.³

Dessa forma, as mudanças corporais e a sexualidade são, sobretudo, elementos estruturadores da identidade do adolescente. Essa função estruturante é, em grande parte, realizada por meio da representação mental que o adolescente tem de seu corpo, de sua imagem corporal.⁴

A sexualidade é algo que se constrói e se aprende; é parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do indivíduo.

Nesse contexto, a pessoa que se propõe a falar de sexualidade, seja professor, seja pai, seja mãe, seja formador de opinião, precisa se dispor também a fornecer informações corretas e desprovidas de pré-julgamentos.⁴

Os profissionais de saúde que se propõem a trabalhar com grupos de adolescentes nas Unidades Básicas de Saúde, Escolas ou Centros Comunitários, devem saber que a questão que emerge com muito significado nas discussões é a sexualidade.⁵

São momentos de conflitos desencadeados na adolescência, na qual a orientação sexual assume papel importante. Por meio dela os adolescentes se orientarão em direção ao seu desenvolvimento sexual de forma mais saudável. Nesse processo, escolas, pais, orientadores em potencial e, sobretudo, a mídia, assumem papel de extrema importância, pois deveriam se propor a preencher as lacunas de informações, erradicando tabus e preconceitos, além de abrir discussões sobre as emoções e valores, ampliar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, transmitindo aos adolescentes informações corretas ligadas ao prazer, afeto, respeito e responsabilidade com o(a) parceiro(a).

Nesse contexto, com este estudo pretende-se contribuir para com as atividades de orientação sexual que estão sendo desenvolvidas nas escolas públicas de ensino fundamental e de ensino médio no município de Embu, São Paulo. Tais atividades fazem parte das ações promovidas por um Projeto de Extensão Universitária vinculado ao Grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde (GECOPROS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).⁶

OBJETIVO

O objetivo com este estudo foi identificar a percepção de adolescentes sobre as representações da sexualidade no ambiente em que vivem.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Nesse tipo de estudo, o pesquisador procura conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para modificá-la. A pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los e interpretá-los. Dessa maneira, deseja-se conhecer a natureza do fenômeno, sua composição e os processos que o constituem ou nele se realizam.⁷

O projeto deste estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, seguindo procedimentos metodológicos norteados por padrões estabelecidos pela Resolução nº 196/96, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.⁸

O estudo foi desenvolvido com 55 adolescentes (30 garotas e 25 rapazes) com idade entre 15 e 18 anos, que freqüentavam uma escola de ensino médio na região de Santo Eduardo do município de Embu, São Paulo. Para a obtenção dos dados, foi utilizado como recurso duas oficinas com atividade coletiva, tendo como tema central a questão norteadora: *Como você percebe a sexualidade no meio em que vive?*

Os dados obtidos foram analisados por meio da análise de conteúdo, um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores, qualitativos, ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Trata-se de uma forma de categorização de dados verbais ou comportamentais, sendo o objeto da análise a mensagem contida nas comunicações orais ou escrita.⁹ Para análise do conteúdo coletado, optamos pela análise do tipo categorial, que se baseou na definição de categorias elaboradas no discurso dos adolescentes. A análise dos dados foi realizada por meio de leitura integral dos relatos de cada sujeito, nos quais buscamos compreender o significado da percepção da sexualidade e as subjetividades emergentes desse fenômeno.

Os significados foram agrupados por suas semelhanças, dando origem às categorias. Essa categorização foi uma operação de elementos construtivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento do gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias foram organizadas por rubricas ou classes, as quais reuniram um grupo de elementos sob um título

genérico, efetuado com base nos caracteres comuns desses elementos.⁹

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com a estruturação em categorias, buscamos contornos do sistema de significação que, no seu conjunto revelaram a percepção dos adolescentes sobre o tema sexualidade no meio vivido, que foram organizadas da seguinte maneira: conceitos desvirtuados; conceitos de sexo; sexualidade; influência da mídia; erotismo; pornografia e prostituição.

Notou-se que houve expressiva divergência conceitual no que diz respeito a sexo e sexualidade, sendo que ambos têm significados completamente diferentes. O primeiro, de acordo com Ferreira,¹⁰ significa qualidade masculino/feminino; conotação sexual ou relação sexual; enquanto o outro, conforme o mesmo autor, tem como definição qualidade sexual ou conjunto dos fenômenos da vida sexual.

Em algumas representações dos grupos, evidencia-se que o signo “sexo” foi empregado como parte integrante da sexualidade, cabendo-nos ressaltar que, apesar de o sexo e a sexualidade envolverem aspectos comuns e até serem utilizados como se fossem sinônimos, são termos distintos. Essa situação ficou evidenciada nas falas contidas na categoria *conceitos desvirtuados*, em que se desvelou uma dissonância entre os discursos proferidos e o real significado conceitual, como o conceito do termo “sexo” apresentado por alguns adolescentes:

O sexo já não tem mais idade e nem segredo, pois a televisão conseguiu desvendar tudo que havia de secreto, que só seria entre um homem e uma mulher (S4, 16 anos).

Sexo é a mesma coisa que sexualidade (S6, 15 anos).

Tais abordagens diferem completamente da definição correta para o que venha a ser “sexo”.

O termo “sexo” é a conotação de qualidade masculino ou feminino; processos fisiológicos e psicológicos de um indivíduo que determina um relacionamento físico destinado à procriação e/ou prazer erótico. Sexo é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, atribuindo-lhes papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas.¹

Tais pressupostos podem ser observados nas colocações dos adolescentes que participaram da atividade:

Sexo feminino ou masculino surge desde o nascimento. Existem casos de uma pessoa nascer hermafrodita, com sexo masculino e feminino (S10, 17 anos).

O sexo também é uma definição: masculino e feminino (S22, 18 anos).

Outra conotação do termo “sexo” emergente dos depoimentos representou a relação ou ato sexual:

Ato sexual é uma relação que acontece com homem e uma mulher, que serve também para garantir a espécie humana (S1, 16 anos).

Já o ato sexual é aquele descoberto por duas pessoas, que por se desejarem se unem no ato de uma transa, ou seja, a introdução de órgãos (S13, 16 anos).

O ato sexual está em todos os lugares e em todo momento, na escola, na roda de amigos, na família, enfim em todos os aspectos (S40, 15 anos).

Entendemos que o sexo pode ser tanto o ato sexual quanto o sexo masculino e o sexo feminino. O ato sexual é quando duas pessoas passam a transar (S32, 18 anos).

Vale ressaltar, no discurso dos adolescentes, a influência da mídia como elemento importante de informação e deturpação dos conceitos de “sexo” e “sexualidade”:

O sexo está presente na vida de todos nós. Está presente na televisão, na roda de amigos, no namoro (S12, 17 anos).

O sexo já não tem mais segredo, pois, a televisão conseguiu desvendar tudo o que havia de secreto, que só seria entre um homem e uma mulher (S25, 18 anos).

A televisão mostra coisas distorcidas, como a mulher só como símbolo sexual, que com seu erotismo ativa o lado sexual masculino que está assistindo (S8, 18 anos).

Hoje em dia, tudo tem que atrair as pessoas e eles acabam explorando a sexualidade de uma mulher ou de um homem, em comerciais, e danças, em novelas, em roupas, ou seja, em tudo (S53, 17 anos).

Na ausência de ampla e efetiva educação sexual em casa ou nas escolas, a televisão e outros meios de comunicação tornaram-se, atualmente, a fonte principal de educação sexual nos Estados Unidos. Sobre essa afirmação, podemos inferir que a situação em nosso país não é diferente.¹¹

Os jovens são bombardeados pela mídia com mensagens com conteúdo pornográfico e informações pouco confiáveis sobre a sexualidade humana. Nesse sentido, existem muitas opções, como material com aspecto e conteúdo duvidoso disponível na internet (*sites e blogs* com fotos e práticas sexuais pouco usuais), na televisão, bancas de jornal e outros.

A mídia tem um peso muito grande em nossa cultura, principalmente a eletrônica. Recebemos indiretamente uma carga de valores e normas enviesados, muitas vezes perpetuadores de comportamentos que não cabem mais na nossa época. A mídia tem o poder de reforçar algumas atitudes e emitir julgamentos sobre o que é mais ou menos adequado. Também tem ajudado a eliminar alguns preconceitos, mas fortalecido outros.¹¹

Esse recorte desvela a preocupação dos adolescentes com a informação que recebem atualmente dos meios de comunicação. Entendemos que vivemos em uma sociedade repleta de dispositivos de controle social, sexual e outros, em que técnicas de controle sobre os seres humanos são criadas constantemente, principalmente no que se refere ao controle do corpo, por meio de técnicas de adestramento

sociais, educacionais, políticas e tecnológicas a que desde muito cedo somos submetidos; que fabrica falsos desejos e prazeres representados por ícones que moldam o comportamento, tornando adormecidos os verdadeiros desejos e prazeres que o corpo pode oferecer ao ser humano. Tudo isso ocorre em nosso meio, deixando à margem fatores importantes como o esclarecimento adequado sobre a sexualidade humana.

Pode-se entender por dispositivo um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Tem uma função estratégica dominante.¹²

Atualmente, os dispositivos disciplinares de repressão e controle sexual levam a um estado de “coisificação” do sexo por meio da legalização do mercado sexual, no qual existe um processo de alienação sexual. Também podemos conceber como preço que o ser humano paga por ter empobrecido a sua sexualidade confinando-a à égide da genitalidade, o sentimento de vazio e desapontado após o coito. A educação e a prática relacionada à sexualidade são norteadas por esta máxima: a dessexualização genitalizante. Mesmo o modelo de matrimônio constitui um canal de atuação da anti-sexualidade, quando tem como base o depauperamento da sexualidade e a exaltação da genitalidade.

Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade é o que podemos chamar as disciplinas.¹³

O poder disciplinar, com efeito, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.¹²

Foucault¹⁴ afirma que o poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. O poder prescreve ao sexo uma ordem que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade; o sexo é decifrado com base na sua relação com a lei. O poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado por meio da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar um estado de direito.

Quanto à categoria sexualidade, Hogan¹⁵ refere que é muito mais que o ato sexual em si, pois sexo conota um ato fisiológico e sexualidade, a totalidade do ser humano.

Na literatura, a sexualidade humana é descrita de diversos modos, dependendo das crenças e (pré) conceitos do autor. Mas, apesar de a possibilidade das definições serem limitadas ou possuírem múltiplas facetas, há um denominador comum em todas as definições, que é o reconhecimento de que sexualidade é uma parte intrínseca do nosso ser.¹⁵

Sexualidade é o comportamento, a tendência sexual de uma pessoa, qualidade sexual, conjunto dos fenômenos da vida sexual.¹⁰

A sexualidade, no seu sentido amplo, pode ser definida como um aspecto profundo e penetrante da personalidade total, a soma dos sentimentos e comportamentos de alguém não somente como um ser sexual, mas como um homem ou mulher.¹⁶

Segundo o Programa Saúde do Adolescente (PROSAD), a sexualidade é uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende sua base biológica (sexo) e cuja expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes.¹⁷

O termo “sexualidade” não designa apenas atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção e outras) e que se encontram, a título de componentes, na chamada forma normal do amor sexual.¹⁸

Identificamos diferentes idéias ou significados associados às vivências e experiências no campo da sexualidade, que apresentamos nos recortes dos discursos a seguir:

Entendemos que sexualidade é o desenvolvimento do corpo dos dois sexos (S7, 16 anos).

A puberdade, desde a menstruação, masturbação como o conhecimento do corpo e descoberta do prazer (S28, 18 anos).

O corpo do sexo masculino começa com o desenvolvimento da voz, que durante algum tempo é fina e com o passar do tempo engrossa. O homem passa a ter mais músculos no braço, na perna, no tórax e outros (S30, 17 anos).

O corpo do sexo feminino começa com o desenvolvimento dos seios, a formação da cintura, o quadril alarga mais (S44, 17 anos).

É o conhecer de si mesmo, um modo individual de decidir, pelo que sente prazer, o que o atrai o que o excita (S16, 18 anos).

Sexualidade é nosso corpo (S29, 18 anos).

Sexualidade são o homem e a mulher conhecendo o corpo um do outro e, também, o homem conhecendo o corpo de outro homem e da mulher conhecendo o corpo de outra mulher (S5, 18 anos).

Observamos, nos discursos acima, a idéia de sexualidade como processo de desenvolvimento maturacional humano, como processo identitário, fonte do prazer, determinante do comportamento do homem e da mulher, como fator de autoconhecimento e conhecimento do outro.

Nessa fase, as mudanças corporais e a sexualidade são, sobretudo, elementos estruturadores da identidade do adolescente. Essa função estruturante é, em grande parte, realizada por meio da representação mental que o adolescente tem de seu corpo, ou seja, de sua imagem corporal. Pressupõe, ainda, que a sexualidade seja algo que se constrói e aprende, sendo parte integrante do

desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do indivíduo.³

Quanto ao erótico, seu primeiro objetivo é representar aspectos da sexualidade, mas não necessariamente provocar excitação. Em consequência, o que é erótico pode estimular a sexualidade ou representá-la em seu conjunto de afetos, atos e energia sexual.

O erotismo representa o sexo de forma indireta, podendo produzir excitação sexual ou não; estimula a sexualidade; é basicamente sensual, apresentando o sexo genital de maneira implícita; é atraente; é considerado adequado pela maioria das pessoas.

Erotismo é uma forma de expressar artisticamente a sensualidade e o sexo. É caracterizado pelo lirismo amoroso, pelo amor lúbrico.¹⁰ O que é erótico é sugestivo, aumenta a tensão sexual de quem o vê:

Achamos que para ser sensual não precisa se expor, mostrando o corpo, pois desta forma ela não se torna sensual e sim vulgar. Porque a sensualidade não se expressa apenas no modo de vestir, mas também na maneira de falar, andar, olhar. Não é porque você mostra o corpo que você está sendo sensual; não devemos misturar sensualidade com vulgaridade (S16, 18 anos).

A sensualidade está ligada à sedução; é você ser sexy, o tipo de roupa que a gente usa para chamar a atenção de outras pessoas (S24, 17 anos).

São fotos de revistas, são homens e mulheres que aparecem seminus na televisão (S38, 16 anos).

A diferença entre a sensualidade e vulgaridade é que a sensualidade é quando as pessoas não precisam ficar se mostrando, nem usando suas formas de atrair outra pessoa; e já a vulgaridade é quando a pessoa fica se oferecendo, fazendo de tudo para se tornar atraente, aparece nua ou quase nua na televisão, usa roupas para mostrar o corpo (S22, 18 anos).

Sexualidade é quando uma mulher ou homem tende a se produzir, ou seja, embelezar-se para que ambos os sexos reparem nesta produção. Também pode ser a demonstração do corpo (S51, 17 anos).

As relações entre a cultura erótica e a ciência parecem ter sido sempre tensas e complicadas não apenas no Brasil. Aliás, aqui talvez sejam até mais fáceis, se nos compararmos com os países de tradição puritana. O erótico permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios, nas escolas ou nos bares. Séria, só mesmo a ciência, que alguém já chamou de cinza.

Vivemos em uma cultura e em uma sociedade extremamente sexualizadas, em todos os sentidos, até mesmo no da violência, e a imagem da “sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador” não deixa de ser muito estimulada pela indústria do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, dos grupos de axé e de tudo aquilo que conhecemos muito bem como

o imaginário do Brasil tropical, onde não há limites, só excessos, e onde não se conhece o pecado.¹⁹

Prost e Vincent²⁰ relatam que, em 1769, Restif de La Bretonne criou a palavra “pornografia”, designando menos a sexualidade e mais os discursos por ela gerados, como indica sua etimologia (*pornê*, prostituída; *graphê*, escrita). Evidentemente, esse tipo de discurso existia antes de receber um nome, visto que aparece nas grutas de Lascaux. A sexualidade humana é vivida na prática e nas inúmeras representações que faz de si, o que distingue a humanidade da animalidade. É fluida a fronteira entre o erotismo (aceito) e a pornografia (condenada).

O termo “pornografia” pode designar tratado sobre a prostituição: figuras, fotos, filmes, espetáculos, obra literária ou de arte, relativos a ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo.¹⁰

A pornografia não insinua, mostra tudo e, de preferência, de forma chocante. Tem como finalidade principal excitar sexualmente quem a vê. Por diversas vezes, a pornografia explora situações errôneas como se o sexo fosse apenas uma sucessão de atos genitais, inferindo serem os órgãos genitais de tamanhos desproporcionais à realidade, além de explorar uma imagem ilusória de que os homens sejam sexualmente insaciáveis e as mulheres multiorgâsmicas.¹

A pornografia envolve elementos que produzem excitação sexual imediata; estimula desejos e fantasias sexuais; é geralmente vulgar, apresenta o sexo genital de maneira explícita; pode ofender, chocar ou atrair; desinibe ou inibe a sexualidade; é considerado inadequado pela maioria das pessoas.

Pornografia não é a mesma coisa que sexo, a pornografia é a pessoa que expõe seu corpo (S2, 16 anos).

Nos filmes pornôis em que homens e mulheres se insinuam, se entregam, achamos que essa insinuação já parte para o sexo e o prazer (S2, 16 anos).

Pornografia eu acho que está mais ligada à televisão, às novelas, aos programas de auditório, que apelam e fazem as mulheres exibirem o corpo (S11, 15 anos).

Nós estamos acostumados a falar que pornografia é a mesma coisa que duas pessoas fazendo sexo (S15, 16 anos).

Pornografia é o meio de sexo sem prazer, sem amor, feito por dinheiro (S11, 15 anos).

O discurso desvela a falta de informação e a consequente distorção de conceitos, quando os sujeitos estabelecem analogia entre ato sexual e pornografia.

Pornografia e erotismo são conceitos difíceis de diferenciar, uma vez que cada pessoa os compreende de forma particular.⁴

O erótico é basicamente sensual, enquanto o pornográfico é sexual. O erótico pode até se referir explicitamente ao ato sexual, mas sempre de forma indireta, sem ignorar outras emoções que o perpassam. O erotismo

estimula o que nos permitimos ter, viver, fantasiar. Essas definições são subjetivas, pois as pessoas reagem de diferentes formas aos mesmos estímulos.⁴

A pornografia almeja produzir uma excitação sexual imediata, sem o coito e a exibição genital seus principais personagens. Tem caráter percebido como vulgar, e nele a afetividade é tão secundária que quase não a notamos. O predominante é a excitação e o descarrego da tensão sexual. A pornografia tem em suas entrelinhas algo que desafia, ofende e choca. Geralmente distorcendo a realidade, freqüentemente reduz a sexualidade ao ato sexual. Nem sempre é clara a distinção entre erotismo e pornografia.

Imagens sexuais são apresentadas na música, nas artes plásticas e em manifestações multimeios, no teatro e na literatura. Expressões da sexualidade nas artes podem ser classificadas como erotismo ou pornografia. Muitas cenas consideradas eróticas por alguns, podem ser consideradas pornográficas por outros. O que é percebido como erótico ou pornográfico tem mudado ao longo dos tempos. Tanto o erótico como o pornográfico podem produzir excitação sexual.

O erótico e o pornográfico também são situacionais, pois suas características são remodeladas em determinados períodos em resposta a eventos sociais. No carnaval, atitudes que em outras épocas do ano são repreensíveis tornam-se aceitáveis.⁴

Muitas vezes, também, o erotismo é a pornografia de ontem. Isso quer dizer que a natureza das imagens sexuais na arte varia conforme a época, o contexto histórico. Imagens eróticas na arte podem refletir os pontos de vista da sociedade a respeito da sexualidade e podem tanto estimular as pessoas na sua vida sexual como promover reflexões sobre o tema. Expressões da sexualidade na arte podem ser consideradas artísticas em determinadas famílias ou culturais e obscenas em outras.²⁰

Não podemos nos esquecer de que a arte é um canal importante e original de representação e expressão simbólica da natureza humana. As manifestações artísticas deveriam ter garantido sua livre expressão. A arte é uma forma de representar sentimentos e idéias. Nesse sentido, as crianças representam aspectos de sua sexualidade por meio do desenho, da pintura, da modelagem e de jogos dramáticos. Ela retrata inúmeros aspectos da vida, até mesmo a sexualidade.

O termo “prostituição” refere-se ao comércio habitual ou profissional do ato sexual,¹¹ como podemos observar nas falas a seguir:

Tem mulheres que usam o sexo como trabalho ou apenas por prazer e divertimento (S1, 16 anos).

Ela entrega o corpo por dinheiro, não tem amor (S46, 18 anos).

A palavra “prostituta”, do latim *prostituere*, expor em público, designa, portanto, a mulher que, deixando de ser um “bem privado”, é oferecida a quem paga. Ela abrange um vasto campo lexical, visto que existem mais de 600 palavras

ou expressões referentes a ela, algumas brutalmente metafóricas.¹⁷ Atualmente, o termo prostituição é aplicado tanto para garotas como para garotos de programa.

Atualmente a prostituição juvenil tem aumentado significativamente. São chamados(as) de “garotos(as) de programa”, um rótulo para uma atividade antiqüíssima. Apresenta-se agora com características um pouco diferentes de sua imagem clássica. Em lugar de meninas e mulheres pobres fazendo ponto nas ruas, garotos(as) de programa têm no máximo trinta anos, uma aparência bem atraente e nem sempre são de classe social baixa. Isso, muitas vezes, se deve ao desejo dos adolescentes e jovens de consumir produtos caros ou drogas, mas, como não podem adquirir-los, prostituem.⁴

CONSIDERAÇÕES

Mediante a análise dos dados, desvelamos o interesse dos adolescentes por termos e conceitos que são construídos do universo da sexualidade humana, como também certa confusão conceitual das terminologias. Tais achados corroboram nossa opinião de que devemos, sempre que possível, esclarecer tais conceitos à população, que é objeto de nossa práxis nas atividades de orientação sexual desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Universitária “Corporalidade e Saúde” da Universidade Federal de São Paulo.

Observamos algumas expressões que dificultam o reconhecimento da sexualidade. Há indicações de reducionismo genital e, por outro lado, há referências a uma dimensão mais relacional e afetiva. Por meio dos dados, presumimos que a descoberta do sexo é dada como fato natural; a sexualidade, ao contrário, é resultado da história construída pela vivência no âmbito da cultura.

Tais pressupostos conferem ao nosso papel como educadores em saúde extrema responsabilidade na construção do conhecimento e no combate à ignorância. Nesse sentido, entendemos que a sexualidade se constrói não apenas no biológico, mas, principalmente, no imaginário: a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas, também, no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de “normalidade” impostos na convivência social, pois é na adolescência que o ser humano cria e reformula conceitos, principalmente o relacionado à sexualidade. Dessa forma, corre-se o risco de se tornarem impossíveis alternativas mais saudáveis para a vida afetiva sexual dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Suplicy M. Conversando sobre Sexo. Petrópolis (RJ):Vozes; 1999.
2. Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas; 1981.
3. Brêtas JRS. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. Temas Sobre Desenvolvimento. 2004; 12(72): 29-38.
4. Picazio C. Sexo Secreto, temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Editora GLS; 1999.
5. Cano MAT, Ferriani MGC, Gomes R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev Latino-Am Enferm. 2000; 8(2): 18-24.
6. Brêtas JRS, Pereira SR. Projeto de Extensão Universitária: um espaço para formação profissional e promoção da saúde. Trab Educ Saúde. 2007; 5(2): 317-27.

7. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo:Atlas; 2003.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.19 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. Mundo Saúde. 1996; 21(1): 52-61.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa-Portugal: Edições 70; 1995.
10. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1986.
11. Strasburger VC. Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.
12. Foucault M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1979.
13. Foucault M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes; 1987.
14. Foucault M. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1988.
15. Hogan RM. Human sexuality: a nursing perspective. USA: Appleton-Century-Crofts; 1980.
16. Gir E, Nogueira MS, Pelá NTR. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. Rev Latino-Am Enferm. 2000; 8(2): 33-40.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria executiva de Coordenação da Saúde da criança e do adolescente. Programa Saúde do Adolescente. Bases programáticas. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.
18. Laplanche J. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
19. Rago M. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. In: Loyola MA. A Sexualidade nas ciências humanas. Rio de Janeiro: Editora UERJ; 1998.
20. Prost A, Vincent G. História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras; 1992.

Data de submissão: 9/5/2007

Data de aprovação: 1º/4/2008